

## **O BRINCAR EM DIAGNÓSTICOS DE CRIANÇAS COM SUSPEITAS DE TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA): UMA REVISÃO DE LITERATURA**

*PLAY IN THE DIAGNOSIS OF CHILDREN WITH SUSPECTED AUTISM SPECTRUM DISORDER (ASD): A LITERATURE REVIEW*

*EL JUEGO EN EL DIAGNÓSTICO DE NIÑOS CON SOSPECHA DE TRASTORNO DEL ESPECTRO AUTISTA (TEA): UNA REVISIÓN DE LITERATURA*

---

**Sophia Calixta Cardoso Vieira:**

Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). E-mail: [sophia.calixta@mail.uft.edu.br](mailto:sophia.calixta@mail.uft.edu.br) |

**Ladislau Ribeiro do Nascimento**

Professor do Curso de Psicologia e do Programa de Pós-graduação em Ensino em Ciências e Saúde da Universidade Federal do Tocantins (UFT). E-mail: [ladislaunascimento@uft.edu.br](mailto:ladislaunascimento@uft.edu.br) | <https://orcid.org/0000-0002-6980-706X>

---

## RESUMO

Este estudo teve como objetivo principal refletir sobre a importância do brincar nos processos diagnósticos em casos de suspeita de Transtorno do Espectro Autista (TEA), segundo a abordagem histórico-cultural. Na mesma perspectiva, buscou-se destacar sua contribuição para as práticas interventivas voltadas à reabilitação de crianças com o transtorno. Para tanto, realizou-se uma revisão narrativa de literatura a partir do acesso a artigos científicos publicados nas bases de dados Scientific Electronic Library Online (SciELO), Biblioteca Virtual em Saúde - Psicologia Brasil (BVS Psicologia), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PePsic) e Google Acadêmico. O brincar foi considerado um elemento central no âmbito das avaliações diagnósticas e nos espaços de intervenção terapêutica, pelo seu potencial para fomentar a interação social, internalização de significados e regulação emocional. O estudo destacou três eixos temáticos: a humanização e o desenvolvimento pelo brincar, seu uso na avaliação e intervenção, e os tipos de brincadeiras recomendadas. Além disso, enfatizou a importância da mediação de adultos e a necessidade de ambientes estruturados para promover a participação ativa das crianças autistas. Assim, o brincar se apresentou como uma ferramenta essencial na superação de barreiras sociais e na ampliação das potencialidades desses sujeitos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Brincar, Desenvolvimento, Autismo, Diagnóstico, Intervenção.

---

## ABSTRACT

*This study aimed to reflect on the importance of play in diagnostic processes for suspected Autism Spectrum Disorder (ASD) from a historical-cultural perspective. Likewise, it sought to highlight its contribution to intervention practices focused on the rehabilitation of children with the disorder. To this end, a narrative literature review was conducted, analyzing scientific articles from the databases Scientific Electronic Library Online (SciELO), Virtual Health Library - Psychology Brazil (BVS Psicologia), Latin American and Caribbean Literature in Health Sciences (LILACS), Electronic Journals in Psychology (PePsic), and Google Scholar. Play was considered a central element in diagnostic evaluations and therapeutic interventions due to its potential to foster social interaction, internalization of meanings, and emotional regulation. The study highlighted three thematic axes: humanization and development through play, its role in assessment and intervention, and recommended types of play activities. Additionally, it emphasized the importance of adult mediation and the need for structured environments to promote the active participation of autistic children. Thus, play emerged as an essential tool in overcoming social barriers and expanding the potential of these individuals.*

**KEYWORDS:** play, development, autism, diagnosis, intervention.

---

## RESUMEN

*Este estudio tuvo como objetivo principal reflexionar sobre la importancia del juego en los procesos diagnósticos en casos de sospecha de Trastorno del Espectro Autista (TEA), según el enfoque histórico-cultural. Desde esta misma perspectiva, se buscó destacar su contribución a las prácticas de intervención dirigidas a la rehabilitación de niños con este trastorno. Para ello, se realizó una revisión narrativa de la literatura mediante el acceso a artículos científicos publicados en las bases de datos Scientific Electronic Library Online (SciELO), Biblioteca Virtual en Salud - Psicología Brasil (BVS Psicología), Literatura Latinoamericana y del Caribe en Ciencias de la Salud (LILACS), Periódicos Electrónicos en Psicología (PePsic) y Google Académico. El juego fue considerado un elemento central en el ámbito de las evaluaciones diagnósticas y en los espacios de intervención terapéutica, debido a su potencial para fomentar la interacción social, la internalización de significados y la autorregulación emocional. El estudio destacó tres ejes temáticos: la humanización y el desarrollo a través del juego, su uso en la evaluación e intervención, y los tipos de juegos recomendados. Además, enfatizó la importancia de la mediación de los adultos y la necesidad de entornos estructurados para promover la participación activa de los niños autistas. De este modo, el juego se presentó como una herramienta esencial para superar barreras sociales y ampliar las potencialidades de estos sujetos.*

**Palabras clave:** Jugar, Desarrollo, Autismo, Diagnóstico, Intervención.

---

## INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição do neurodesenvolvimento caracterizada por déficits na interação social e na comunicação, além da presença de padrões restritos e repetitivos de comportamento (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014). Essas dificuldades impactam significativamente diversos aspectos da vida do indivíduo, incluindo seu desenvolvimento pessoal, acadêmico, social e profissional. Diante desse cenário, o diagnóstico do TEA torna-se um processo essencial, demandando abordagens que considerem a complexidade do desenvolvimento humano e a singularidade de cada sujeito avaliado.

O diagnóstico do TEA envolve a identificação de sinais que apontam para os elementos característicos do transtorno. Além dos déficits nos domínios mencionados, muitos indivíduos com TEA apresentam hipersensibilidade a estímulos sensoriais (FERNANDES, TOMAZELLI, GIRIANELLI, 2020). O diagnóstico é fundamental para a implementação de abordagens multidisciplinares que englobam diferentes áreas da saúde e da educação, visando intervenções que considerem os aspectos sociais, comportamentais e de desenvolvimento do indivíduo (NASCIMENTO, ARAÚJO, PARREÃO, 2024).

Tradicionalmente, a avaliação diagnóstica tem sido pautada em métodos da psicometria clássica, que, embora forneçam informações relevantes, apresentam limitações quando utilizados de maneira exclusiva e descontextualizada. Conforme aponta Patto (1997), a adoção de perspectivas não críticas pode resultar em avaliações insensíveis aos aspectos culturais, sociais e históricos dos pacientes e seus familiares, restringindo a compreensão do TEA e dificultando a formulação de intervenções adequadas. Nesse sentido, torna-se fundamental a adoção de abordagens diagnósticas mais amplas e integradas, que transcendam a aplicação de instrumentos padronizados e incluam a observação da criança em diferentes contextos.

Nesse processo, o brincar tem se mostrado uma ferramenta essencial para a avaliação das habilidades sociais e comunicativas da criança, pois permite a observação de sua interação com objetos, pessoas e situações lúdicas. A atividade lúdica possibilita a identificação de déficits na imaginação simbólica, na reciprocidade social, na alternância de turnos e no uso funcional dos brinquedos – aspectos frequentemente comprometidos em crianças com TEA. Além disso, é por meio do brincar que a criança expressa suas necessidades e sua visão de mundo, o que reforça sua importância para o desenvolvimento infantil (ALBUQUERQUE; BENITEZ, 2020).

De acordo com Cipriano e Almeida (2016), o brincar é um recurso essencial para o desenvolvimento das crianças com TEA, pois possibilita intervenções terapêuticas espontâneas e adaptadas às suas necessidades individuais. Por meio de atividades lúdicas, as crianças com TEA podem desenvolver habilidades cognitivas, motoras e emocionais, resultando em uma melhor qualidade de vida e favorecendo processos de aprendizagem e de socialização. Além disso, o brincar viabiliza a formação de vínculos afetivos, contribui para a ampliação da comunicação, a expressão de sentimentos e a melhora na interação social.

Sob a perspectiva histórico-cultural o brincar desempenha um papel central no desenvolvimento das funções psicológicas superiores, como atenção, memória, pensamento e linguagem, sendo um mediador essencial para a internalização de significados culturais e para a regulação emocional (VIGOTSKI, 1998), além de fortalecer diferentes dimensões da personalidade, incluindo afetividade, motricidade, inteligência, sociabilidade e criatividade. Nas palavras de Vigotski (1998), “a criação de uma situação imaginária não é algo fortuito na vida da criança; pelo contrário, é a primeira manifestação da emancipação da criança em relação às restrições situacionais” (p. 130).

Vigotski (1998) destaca um paradoxo essencial no brincar: ao mesmo tempo em que a criança se engaja em uma atividade prazerosa, ela aprende a seguir regras e a controlar seus impulsos. Esse processo reflete a ideia de que o brincar não apenas revela o nível atual de desenvolvimento da criança, mas também impulsiona novas aprendizagens. Nesta perspectiva, entende-se que o brincar surge a partir da necessidade de a criança de em relação ao mundo dos adultos, sendo mediado pela observação e pela interação social.

Assim, o brincar no processo diagnóstico pode contribuir para a humanização da avaliação psicológica, tornando-a mais orientada à lógica do cuidado. Embora o principal objetivo do procedimento diagnóstico seja a análise das condições do paciente e a obtenção de informações para o psicodiagnóstico, a utilização de atividades lúdicas pode minimizar possíveis impactos negativos da avaliação, favorecendo o bem-estar da criança e estabelecendo uma relação mais acolhedora entre profissional e paciente (GONÇALVES, 2019).

Martins e Monteiro (2017) analisaram interações entre crianças autistas e adultos, destacando que a mediação desempenha um papel essencial na atribuição de significado às ações das crianças, favorecendo sua participação social. Nesse sentido, Pacheco e Freire (2021) complementam essa perspectiva ao argumentar que a participação em relações mediadas por linguagem e signos culturais pode reposicionar a criança autista como um sujeito ativo, contribuindo para sua autonomia e pertencimento social. Dessa forma, a abordagem histórico-cultural enfatiza a importância das interações sociais no desenvolvimento infantil, reforçando a necessidade de práticas inclusivas que promovam a construção de significados compartilhados e ampliem as possibilidades de aprendizagem e socialização das crianças autistas.

Considerando esses aspectos, a Psicologia assume um compromisso ético e político na produção de análises e intervenções voltadas ao desenvolvimento e ao cuidado de pessoas com TEA. A valorização do brincar como recurso diagnóstico e terapêutico fortalece uma abordagem que respeita a singularidade da criança e possibilita uma compreensão mais contextualizada de suas potencialidades e desafios.

Tendo em conta o exposto, o presente estudo teve como objetivo central refletir sobre o potencial e a importância do brincar nos processos diagnósticos realizados em casos de suspeita de TEA. Na mesma perspectiva, considerou-se a sua relevância nas práticas interventivas dedicadas aos processos de reabilitação de crianças autistas.

## **MÉTODO**

Este estudo consistiu em uma revisão narrativa, estratégia metodológica que visa descrever e discutir o desenvolvimento ou o estado da arte de um determinado tema sob uma perspectiva teórica ou conceitual (ROTHER, 2007). Adotou-se este tipo de revisão narrativa por sua capacidade de contribuir para o debate acadêmico e de viabilizar acesso a materiais para a atualização e a construção de conhecimento sobre a temática em análise.

A escassez de estudos que abordam o papel do brincar nos processos diagnósticos do Transtorno do Espectro Autista (TEA), aliada à predominância de pesquisas inscritas numa interpretação histórico-cultural, influenciou na decisão pela realização de uma revisão narrativa ancorada nessa abordagem teórica.

A busca pelos artigos foi realizada nas bases de dados Scientific Electronic Library Online (SCIELO), Biblioteca Virtual em Saúde - Psicologia Brasil (BVS Psicologia), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PEPSIC) e Google Acadêmico. Para a seleção dos estudos, foram utilizados os seguintes descritores: (1) Autismo; (2) Transtorno do Espectro Autista – TEA; (3) Brincar; e (4) Diagnóstico. O critério temporal considerou publicações entre 2013 e 2023, assegurando a análise de produções publicadas após a publicação do DSM V (APA, 2014), quando houve uma atualização em relação aos critérios diagnósticos para o TEA. Foram incluídos apenas artigos publicados em periódicos científicos revisados por pares, na língua portuguesa, disponibilizados em texto completo, com fundamentação de acordo com a abordagem supracitada.

A leitura dos artigos selecionados foi guiada pelas seguintes questões norteadoras: (1) como o ato de brincar é definido?; (2) quais tipos de brincadeiras foram mencionados?; (3) de que modo as brincadeiras puderam ser inseridas em um processo de avaliação?; (4) de que maneira as brincadeiras foram promovidas nos processos de intervenção? Essas questões resultaram em conteúdos de análise, possibilitando uma compreensão mais aprofundada sobre a abordagem do brincar no contexto do TEA, tanto sob a perspectiva do diagnóstico quanto das intervenções terapêuticas.

Ao todo, foram selecionados seis artigos, que foram integralmente lidos e fichados. As respostas às questões norteadoras foram organizadas em uma planilha de Excel, permitindo uma sistematização dos dados extraídos. A partir da análise foram elaboradas três seções temáticas que sintetizam os achados do estudo, conforme exposto a seguir.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A constituição do sujeito na perspectiva histórico-cultural não pode ser dissociada das relações sociais e do contexto material em que ele se insere. Este referencial fundamenta-se, sobretudo, nas contribuições de Vigotski (1998), Leontiev (1978) e Luria (1986), que compreendem o desenvolvimento humano como um processo mediado socialmente e historicamente determinado. Nesta perspectiva, o brincar, enquanto prática socialmente construída, constitui-se em um meio essencial para a formação das funções psicológicas superiores e para a inserção ativa da criança no mundo da cultura. No contexto do Transtorno do



Espectro Autista (TEA), essa mediação assume um papel ainda mais central, uma vez que a estrutura social vigente frequentemente marginaliza sujeitos que não se encaixam em padrões hegemônicos de desenvolvimento. É nesse cenário que o brincar se apresenta como um instrumento potente de resistência e enfrentamento perante os processos de exclusão, possibilitando que a criança autista amplie sua capacidade simbólica, relacional e comunicativa por meio da interação com o outro.

A partir dessa compreensão, os achados desta pesquisa foram organizados em três eixos temáticos, assim denominados: (1) o brincar como instrumento de humanização e desenvolvimento; (2) o brincar como ferramenta de avaliação e intervenção no contexto do TEA; e (3) tipos de brincadeiras sugeridas aos processos de avaliação diagnóstica e de intervenção na abordagem do TEA. Cada um desses eixos temáticos reafirmam a necessidade de um olhar que compreenda o brincar não como um fim em si mesmo, mas como uma atividade que se constrói dialeticamente na tensão entre os limites impostos pela sociedade e as possibilidades emancipatórias criadas a partir da mediação de um adulto em contextos educativos e terapêuticos.

Embora esta pesquisa esteja situada no campo da Psicologia, foram consideradas três referências de áreas correlatas, devido à relevância de suas contribuições para o alcance dos objetivos deste estudo. A referência de Deliberato, Adurens e Rocha (2021), oriunda da Fonoaudiologia, foi incorporada por sua abordagem sobre a comunicação alternativa e suplementar no brincar, fornecendo insights valiosos sobre a mediação de adultos para favorecer o desenvolvimento da comunicação de crianças com TEA. Além disso, a referência de Queiroz et al. (2021), situada no campo da Educação Física, foi considerada por sua ênfase no brincar como promotor do bem-estar físico e social, destacando a importância da adaptação de atividades motoras e lúdicas para favorecer a inclusão e a participação de crianças autistas. Por fim, a referência de Santana et al. (2016), inscrita no campo da Educação, contribui para a compreensão do brincar como ferramenta de aprendizagem e socialização no contexto escolar, ressaltando a necessária mediação pedagógica possibilitada pela participação de adultos na elaboração de propostas educativas para crianças com TEA.

A inclusão dessas referências permitiu um olhar mais amplo e interdisciplinar sobre o brincar, favorecendo a construção de uma abordagem integrativa que contempla diferentes aspectos do desenvolvimento infantil e potencializa a compreensão das interações lúdicas na avaliação e intervenção com crianças autistas.

## **O brincar como instrumento de humanização e desenvolvimento na abordagem do TEA**

Segundo os pressupostos da abordagem histórico-cultural, o desenvolvimento humano ocorre em um processo dialético de apropriação e ressignificação da cultura, mediado pelas interações sociais e pela linguagem. O brincar, nesse contexto, emerge como um espaço privilegiado de mediação, no qual a criança, ao interagir com os signos e instrumentos culturais, amplia sua capacidade de significação e se insere ativamente no mundo social (VYGOTSKI, 1998). Entretanto, essa possibilidade de desenvolvimento é cerceada em uma sociedade que, ao negar a diferença, geralmente limita o acesso

das crianças autistas a experiências que poderiam ampliar suas funções psicológicas superiores.

Moura, Santos e Marchesini (2021) reafirmam essa perspectiva ao apontar que o brincar não é apenas uma manifestação espontânea da criança, mas um campo estruturado de possibilidades, no qual ela desenvolve atenção, memória, imaginação e linguagem. Para Ferreira et al. (2021), a mediação de um adulto é indispensável para que o brincar cumpra sua função de humanização e ampliação das potencialidades do sujeito. Isso porque, no contexto do TEA, as dificuldades na simbolização e na interação social podem restringir o acesso à brincadeira, tornando-se imprescindível a atuação de mediadores capazes de organizar ambientes lúdicos que favoreçam a construção do sentido e da significação.

Na mesma direção, Sá, Siquara e Chicon (2015) destacam que o brincar possibilita a internalização da cultura e a ressignificação dos objetos, permitindo que a criança se aproprie dos instrumentos simbólicos necessários para sua atuação no mundo social. No entanto, é necessário questionar: até que ponto as práticas sociais, incluindo aquelas promovidas em contextos de avaliação e de intervenção, têm garantido a essas crianças um acesso efetivo ao universo lúdico? A exclusão, que se manifesta de forma estrutural, muitas vezes priva a criança autista das interações necessárias para que ela possa vivenciar plenamente o brincar, reforçando uma lógica excludente que se perpetua na escola, na família, nas clínicas de reabilitação e de tratamento de crianças autistas e em outros espaços públicos.

## **O brincar como ferramenta de avaliação e intervenção no contexto do TEA**

A observação do brincar, quando concebida dentro de uma perspectiva dialética, possibilita uma compreensão mais ampla das potencialidades da criança autista, superando modelos reducionistas e patologizantes. Moura, Santos e Marchesini (2021) argumentam que, ao analisar como a criança interage com os objetos, expressa emoções e se relaciona com os outros no contexto lúdico, o profissional pode acessar aspectos centrais do seu desenvolvimento que seriam invisibilizados em avaliações padronizadas e descontextualizadas.

Ferreira et al. (2021) reforçam essa ideia ao demonstrar que brincadeiras estruturadas permitem que se identifiquem não apenas dificuldades, mas também as formas singulares de expressão e interação da criança. No entanto, para que essa avaliação seja de fato emancipatória, é fundamental que o profissional esteja comprometido com uma abordagem que não reduza a criança autista a um conjunto de déficits, mas que reconheça sua capacidade de produzir significados e de se apropriar da cultura de forma ativa e transformadora. Ao se inserir no processo de avaliação ou de intervenção de modo ativo e participativo, a criança encontra possibilidades de se fortalecer enquanto sujeito.

Queiroz et al. (2021) destacam, na mesma perspectiva, que o brincar não deve ser restrito ao ambiente terapêutico, mas incorporado à vida cotidiana da criança, rompendo com a lógica de isolamento que muitas vezes caracteriza as práticas interventivas voltadas para o TEA. Essa visão também é compartilhada por Deliberato, Adurens e Rocha (2021), que enfatizam a importância da



comunicação alternativa no brincar, garantindo que crianças com dificuldades na linguagem verbal possam se expressar e interagir. Deste modo, as brincadeiras também possibilitam o envolvimento de outros sujeitos importantes para a criança nas práticas de avaliação e de intervenção.

Para além do diagnóstico e da intervenção, o brincar se apresenta como um ato de resistência, no qual a criança autista pode experimentar formas mais autônomas de participação social. Assim, pode-se apostar no brincar como uma estratégia para fomentar práticas de cuidado na abordagem do TEA, em direção contrária às estratégias tradicionalmente utilizadas em propostas de reabilitação ou de diagnósticos em que o sujeito não é levado em consideração, uma vez que a ênfase recai sobre os fins: tornar pessoas com TEA funcionais e ajustadas aos padrões e às convenções sociais.

## **Tipos de brincadeiras sugeridas aos processos de avaliação diagnóstica e de intervenção na abordagem do TEA**

Conforme vem sendo abordado ao longo desta análise, tanto o diagnóstico quanto a intervenção de crianças com suspeitas de TEA ou com o transtorno propriamente dito podem ser potencializados através do brincar. Nesta perspectiva, as brincadeiras desempenham um papel essencial. Para Ferreira et al. (2021), algumas atividades dirigidas, como a associação de cores e objetos, são especialmente eficazes para estimular a atenção, a memória e a linguagem. As autoras mencionam como exemplos os jogos "Caça às Frutas" e "Amarelinha das Frutas". No primeiro, as crianças envolvidas na pesquisa precisavam identificar e recolher frutas espalhadas pela sala, colocando cada uma na cesta correspondente à sua cor, como a uva na cesta roxa e a banana na amarela. Já o segundo jogo exigia que os participantes associassem imagens de frutas, posicionando a correta entre outras na "amarelinha" e pulando sobre os espaços, exceto naquele em que estivesse a fruta escolhida. Ambos os jogos estimulam a categorização de objetos e promovem a interação social de maneira lúdica.

Sá, Siquara e Chicon (2015), por sua vez, ressaltaram a importância da brinquedoteca como um ambiente estruturado e estimulante para a participação ativa das crianças autistas. Segundo os autores, ao organizar o espaço em cantinhos temáticos e disponibilizar uma variedade de brinquedos, ampliam-se as possibilidades de exploração e interação, permitindo que a criança atribua novos significados aos objetos e ao próprio contexto lúdico.

Moura, Santos e Marchesini (2021), por sua vez, chamam a atenção para o papel das brincadeiras simbólicas e dos jogos de faz de conta no desenvolvimento da imaginação e da socialização. Para os autores, atividades como brincar de casinha ou de profissões criam oportunidades para que a criança compreenda melhor as dinâmicas sociais e experimente diferentes papéis de forma estruturada e prazerosa. Além disso, há de se considerar o potencial de tais jogos para a criança dizer sobre experiências, sentimentos e sensações para as quais muitas vezes não encontra palavras. Neste sentido, os jogos de faz de conta podem criar as condições necessárias para a enunciação do que não se pode dizer com facilidade.

A esse respeito, Deliberato, Adurens e Rocha (2021) ampliam a discussão ao apontar que a narração de histórias associada a elementos lúdicos pode ser uma estratégia valiosa para facilitar a comunicação de crianças autistas. De acordo com os pesquisadores, o uso de personagens, cenários e sistemas de comunicação alternativa — como pictogramas — favorece a construção de narrativas e a expressão de intenções comunicativas, incentivando uma participação mais ativa nas interações. Considera-se também o potencial terapêutico das narrativas, uma vez que engajam sujeitos narradores em processos de significação e de ressignificação de experiências, afetos, sentimentos, memórias, dentre outros elementos fundamentais na formação da consciência e na constituição dos sujeitos.

Faz-se relevante salientar também que o brincar contribui na desconstrução de estereótipos sobre crianças com TEA. Muitas vezes, elas são equivocadamente vistas como incapazes de interagir socialmente ou de participar de atividades simbólicas. No entanto, a abordagem histórico-cultural pressupõe a possibilidade de um sujeito se constituir por meio de relações dialéticas e dialógicas envolvendo ação, sensação, pensamento, reflexão, interação e tomada de consciência acerca da própria realidade em constantes processos de construção. Neste sentido, esta abordagem confronta o reducionismo e o determinismo biológico predominantes nas produções científicas e nas práticas em torno do TEA.

Nesta perspectiva, portanto, a criança com TEA não deve ter ressaltada as suas limitações. Devemos considerá-la como um ser histórico, social, em constante transformação, capaz de ampliar suas potencialidades por meio da interação e da aprendizagem mediada. Deste modo, a incorporação do brincar nos processos diagnósticos e terapêuticos mobiliza afetos, trocas e situações articuladas com as reais necessidades das crianças com TEA, além de garantir o seu direito à participação social e ao pertencimento.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo demonstrou que o psicodiagnóstico de crianças com suspeita de TEA pode ser ressignificado a partir da incorporação da brincadeira como mediação no processo avaliativo. O brincar, enquanto prática social historicamente constituída, permite não apenas uma análise mais concreta das relações que a criança estabelece com o meio, mas também viabiliza a construção de um espaço menos excludente e mais dialógico, favorecendo a manifestação de suas potencialidades no interior das condições materiais de sua existência.

Sob a ótica do materialismo histórico-dialético, compreende-se o desenvolvimento humano como um processo dialético e dialógico que se constitui em meio às relações sociais concretas. As relações são mediadas pela linguagem e pelos signos da cultura. Neste sentido, a brincadeira não se reduz a um mero instrumento auxiliar da avaliação psicológica, mas deve ser compreendida como uma atividade humana por meio da qual a criança se apropria da cultura e transforma, ativamente, sua própria constituição psíquica. Assim, a incorporação da ludicidade no psicodiagnóstico permite romper com

abordagens normativas e naturalizantes do TEA, possibilitando uma compreensão dinâmica e processual das formas singulares pelas quais cada sujeito se desenvolve em meio às contradições da realidade social.

Além disso, este estudo evidencia a necessidade de ampliação da produção científica sobre a relação entre o brincar e o desenvolvimento no contexto do autismo, superando leituras fragmentadas e individualizantes que desconsideram os condicionantes históricos e estruturais que determinam o acesso e as possibilidades de desenvolvimento das crianças diagnosticadas com TEA. A pesquisa sobre essa temática deve avançar na compreensão das mediações que envolvem o brincar e sua função na constituição do psiquismo em contextos educativos e clínicos onde se desenvolvem as crianças que apresentam sinais de alerta para o TEA, ou aquelas que vivem com o transtorno.

Reafirma-se, por fim, a necessidade de se construir propostas diagnósticas críticas e comprometidas com a superação das contradições que marcam o campo da psicologia. Ao reconhecer a criança como um sujeito ativo e histórico, cuja constituição se dá na práxis social, propõe-se um deslocamento do olhar avaliativo tradicional para uma perspectiva que compreenda o diagnóstico não como uma classificação acrítica, descontextualizada, mas como parte de um processo dialético que deve contribuir para a emancipação e a transformação das condições que limitam o pleno desenvolvimento humano.

### ***Agradecimentos***

Ao apoio financeiro recebido pelo CNPq no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da UFT.

### ***Referências Bibliográficas***

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. DSM-5 – **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ALBUQUERQUE, I.; BENITEZ, P. O brincar e a criança com Transtorno do Espectro Autista: revisão de estudos brasileiros. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 15, n. 4, p. 1939-1953, 2020. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/14173> . Acesso em: 20 fev. 2025.

CIPRIANO, M. S.; ALMEIDA, M. T. P. de. O brincar como intervenção no Transtorno do Espectro do Autismo. **Extensão em Ação**, Fortaleza, v. 2, n. 11, p. 78-91, jul./out. 2016. Disponível em: < [https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/62706/1/2016\\_art\\_mscipriano.pdf](https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/62706/1/2016_art_mscipriano.pdf) > Acesso em: 19 jul. 2025.

DELIBERATO, Débora; ADURENS, Fernanda Delai Lucas; ROCHA, Aila Narene Dahwache Criado. Brincar e contar histórias com crianças com Transtorno do Espectro Autista: mediação do adulto. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 27, p. e0128, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/kTvnChXzmPZpJFXcPLr3RYk/?lang=pt> . Acesso em: 20 fev. 2025.

FERNANDES, C. S.; TOMAZELLI, J.; GIRIANELLI, V. R. Diagnóstico de autismo no século XXI: evolução dos domínios nas categorizações nosológicas. **Psicologia USP**, v. 31, p. e200027, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/170675> . Acesso em: 20 fev. 2025.

FERREIRA, Mírian Carolina Valente et al. A brincadeira intencional na educação da criança com TEA. **Revista Psicopedagogia**, São Paulo, v. 38, n. 116, p. 291-298, ago. 2021. Disponível em: <http://www.revistapsicopedagogia.com.br/detalhes/751/a-brincadeira-intencional-na-educacao-da-crianca-com-tea> . Acesso em: 20 fev. 2025.

GONÇALVES, Cidiane Vaz. O brincar como experiência intersubjetiva de comunicação no psicodiagnóstico interventivo infantil. **Estilos Clínicos**, São Paulo, v. 24, n. 3, p. 482-496, dez. 2019. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-71282019000300012&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282019000300012&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 20 fev. 2025. <https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v24i3p482-496>.

LURIA, A. R. **Cognição e linguagem: as últimas conferências**. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

MARTINS, A. D. F.; MONTEIRO, M. I. B. Alunos autistas: análise das possibilidades de interação social no contexto pedagógico. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 21, n. 2, p. 215–224, maio 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/mf9cTfSb6PWz4PxydXGBqjq/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 19 fev. 2025.

MOURA, Alanna Moura e; SANTOS, Bruna Monyara Lima dos; MARCHESINI, Anna Lúcia Sampaio. O brincar e sua influência no desenvolvimento de crianças com Transtorno do Espectro Autista. **Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento**, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 24-38, jun. 2021. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cpgdd/article/view/13376> . Acesso em: 20 fev. 2025.

NASCIMENTO, Ladislau R.; ARAÚJO, Maria L. K. K.; PARREÃO, Yasmin C. S. Psychology and School Inclusion of People with Autism Spectrum Disorder in Brazil: An Integrative Review. **Journal of Education and Learning**, v. 13, n. 5, p. 119-126, 2024. Disponível em: <https://ccsenet.org/journal/index.php/jel/article/view/0/50358>. Acesso em: 20 fev. 2025.

PACHECO, R.; FREIRE, S. F. de C. D. Understanding autistic students' relationships at school: a dialogical perspective on the development of the self. **Pro-Posições**, v. 32, p. e20190078EN, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/YFCzPm6XNkQK6zFfZJg8wZy/?lang=en> . Acesso em: 20 fev. 2025.

PATTO, M. H. S. Para uma crítica da razão psicométrica. **Psicologia USP**, v. 8, n. 1, p. 47–62, 1997. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/13404> . Acesso em: 20 fev. 2025.

QUEIROZ, Francisca Francisete de Sousa Nunes et al. Reflexões sobre o brincar como promotor do desenvolvimento integral da criança com Transtorno do Espectro Autista. **New Trends in Qualitative Research**, v. 8, p. 295-303, 2021. Disponível em: <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2021/article/view/295> . Acesso em: 20 fev. 2025.

ROTHER, E. T. Revisão sistemática X revisão narrativa. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 20, n. 2, p. v-vi, 2007.

SÁ, M. das G. C. S.; SIQUARA, Z. O.; CHICON, J. F. Representação simbólica e linguagem de uma criança com autismo no ato de brincar. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 37, n. 4, p. 355–361, out. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbce/a/VvMpMTYmGZGmJGvNmMZG9MN/?lang=pt> . Acesso em: 20 fev. 2025.

SANTANA, Maria Luzia da Silva; PURIFICAÇÃO, Marcelo Máximo; TEPERINO, Ana Paula Pertussati; TACELI, Izabel Cristina; PESSOA, Maria Teresa Ribeiro. O brincar como elemento de inclusão escolar de crianças caracterizadas com Transtornos do Espectro Autista (TEA). **Interfaces da Educação, Paranaíba**, v. 7, n. 19, p. 48-65, 2016. Disponível em:

<https://periodicosonline.uems.br/index.php/interfaces/article/view/1061/997>. Acesso em: 20 fev. 2025.